PODER

Jogo de empurra-empurra

Episódios recentes de derrota do governo no Congresso e operação contra Ciro Nogueira ampliaram a disputa narrativa sobre quem deve carregar o desgaste político do Master

» FERNANDA STRICKLAND

Minervino Júnior/CB/D.A Press

Ciro Nogueira, ex-ministro de Bolsonaro, era apontado para compor chapa presidencial com Flávio Bolsonaro

A operação da Polícia Federal que atingiu o senador Ciro Nogueira (PP-PI) e a derrota, no Senado, da indicação de Jorge Messias para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF) anteciparam o clima de confronto político entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) em torno do caso Master. Embora aliados do governo reconheçam que o embate entre os dois campos já estivesse em curso desde a consolidação da candidatura de Flávio ao Palácio do Planalto, os episódios recentes ampliaram a disputa narrativa sobre quem deve carregar o desgaste político do escândalo.

Nos bastidores do Planalto, a orientação inicial de Lula foi evitar uma escalada imediata do confronto. A avaliação no governo é de que, neste momento, o presidente precisa preservar a relação com o Congresso Nacional e reduzir acusações de uso político da PF, especialmente após o Senado rejeitar a indicação de Jorge Messias ao STF. Ainda assim, a operação abriu espaço para que setores da base governista passassem a associar o caso Master a figuras da direita e do entorno bolsonarista.

Ciro Nogueira, ex-ministro da Casa Civil do governo de Jair Bolsonaro, era apontado como uma das possibilidades para compor uma chapa presidencial com Flávio Bolsonaro. A investigação apura suspeitas de que o senador e presidenciável teria recebido recursos do Banco Master para atuar em defesa da instituição no Congresso. O parlamentar nega qualquer irregularidade.

Desde a operação da PF, aliados do líder petista passaram a explorar o episódio nas redes sociais, movimento que provocou preocupação no núcleo político de Flávio Bolsonaro. A reação do senador foi adotar um discurso de apoio às investigações, ao mesmo tempo em que tenta vincular o caso ao PT e ao entorno do governo federal.

Embate antigo

Interlocutores ligados ao governo Lula afirmam, porém, que o embate entre o presidente e Flávio não começou agora. Segundo avaliação, o confronto já vinha sendo desenhado desde que o senador do PL passou a se apresentar como principal nome da direita para 2026, intensificando críticas ao presidente em agendas no Brasil e no exterior. Para esse grupo, a operação da PF apenas acrescentou um novo elemento à disputa política.

Na leitura das fontes procuradas pelo **Correio**, existe hoje uma batalha pública para definir a quem pertence o desgaste do escândalo do Master. Parte da oposição e segmentos da mídia, segundo eles, tentaram aproximar o caso do STF e, indiretamente, do governo Lula. A operação contra Ciro Nogueira, no entanto, teria reforçado a narrativa de que o banco mantinha ligações relevantes com políticos da direita e aliados de Bolsonaro.

Para o coordenador jurídico do escritório Wilton Gomes Advogados e mestre em direito administrativo, Marcos Jorge, ainda é cedo para medir impactos eleitorais concretos, mas a operação inevitavelmente aumenta a tensão política em um cenário já polarizado. "Mesmo sendo cedo para afirmar impacto eleitoral concreto, a Operação Compliance Zero acaba inevitavelmente inserindo mais tensão no ambiente político e eleitoral, sobretudo pela proximidade do pleito e do envolvimento de personagens centrais da polarização nacional", afirmou.

Eleições

O especialista também destacou a necessidade de preservação institucional durante o andamento das investigações. "É muito importante registrar que a Polícia Federal, o Ministério Público Federal e o Poder Judiciário exercem seus papéis institucionais de maneira imparcial e respeitando os preceitos democráticos, sem deixar o campo político interferir na condução das investigações", disse.

Na avaliação de Márcio Coimbra, CEO da Casa Política e ex-diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal, a crise representa o início efetivo da corrida presidencial de 2026. Para ele, o cenário atual marca o fim da trégua institucional entre governo e oposição. "A antecipação do confronto eleitoral entre Lula e Flávio Bolsonaro, catalisada pela operação da PF no caso Master, não é um simples erro de cálculo temporal, mas o rito de passagem definitivo para a campanha de 2026."

Segundo Coimbra, o episódio evidencia uma disputa simbólica em torno da corrupção e da legitimidade política. Ele avalia que Flávio tenta neutralizar desgastes históricos do bolsonarismo ao associar o caso ao PT, enquanto o governo busca vincular o escândalo a figuras próximas do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O cientista político também vê efeitos diretos sobre a composição política da direita. Para ele, a investigação contra Ciro Nogueira acelerou um processo de distanciamento do senador piauiense da possível chapa presidencial de Flávio Bolsonaro, numa tentativa de reduzir o desgaste associado ao Centrão.

Gol diplomático dá respiro a Lula

» VICTOR CORREIA

Ricardo Stuckert/PR

Governistas miram capitalizar politicamente a reunião com Trump

O governo brasileiro considerou um sucesso a reunião entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump, em Washington, na última quinta-feira. Embora não tenha trazido efeitos práticos, em um primeiro momento, a conversa serviu como um forte símbolo diplomático de que a relação entre os dois países se mantém, apesar da turbulência. Também trouxe esperança de avanços na negociação de alguns impasses entre Brasil e Estados Unidos, principalmente na seara comercial e no combate ao crime organizado. **Leia mais na página 5**

O encontro, pouco usual, também serviu como um alento para a imagem do líder petista após uma semana de derrotas importantes no Congresso Nacional, como a derrota da indicação de Jorge Messias ao Supremo Tribunal Federal (STF) e a derrubada do veto ao projeto de lei (PL) da Dosimetria.

O próprio Trump teceu elogios a Lula, ao ser questionado por jornalistas na Casa Branca. "Tivemos uma ótima reunião com o presidente do Brasil. Estamos fazendo muito comércio, e vamos aumentar ainda mais o comércio. Nós conversamos sobre tarifas, eles gostariam de ter algum alívio nas tarifas. Mas tivemos uma reunião muito boa. Ele é um bom homem, é um cara inteligente", comentou o republicano.

O encontro fugiu aos moldes tradicionais da diplomacia brasileira. Em geral, encontros entre chefes de Estado são marcados com meses de antecedência, em meio uma intensa negociação entre as equipes diplomáticas para fechar acordos e preparar anúncios e uma declaração conjunta à imprensa. A reunião, porém, foi divulgada de última hora, informalmente, poucos dias antes da data marcada, por um vazamento do Palácio do Planalto. A Casa Branca não havia confirmado publicamente o encontro e, portanto, havia o temor de que os EUA voltassem atrás. Por isso, a diplomacia brasileira tratou o tema com cautela.

A conversa foi classificada como uma "reunião de trabalho", menos formal do que uma visita de Estado, e não havia expectativa de anúncios ou fechamento de acordos.

Na avaliação do governo, o encontro foi um sucesso completo. Havia um temor sobre possíveis constrangimentos, como Trump já causou a líderes como o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e o presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa. A pedido de Lula, porém, Trump mudou o protocolo e deixou a imprensa de fora do encontro. Normalmente, ele conversa informalmente com os chefes de Estado visitantes na presença de jornalistas, quando costumam ocorrer os momentos de constrangimento.

Apesar dos avanços, a falta de uma declaração conjunta sinaliza que há uma série de divergências não resolvidas entre os dois países. Há uma expectativa de que Trump e Lula possam se encontrar novamente durante a Cúpula do G7, em junho, na França.

Narrativas

Após o encontro, governistas já iniciaram a operação para capitalizar politicamente a reunião. "O Brasil é uma das maiores democracias do planeta e, ao lado dos Estados Unidos, está pronto para discutir as grandes questões para o bem das duas nações. É por isso que o presidente Lula foi recebido no tapete vermelho da Casa Branca, ao lado do presidente Trump. Uma aula de diplomacia e uma demonstração de soberania nacional nesse dia histórico", escreveu o ministro da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), José Guimarães, em suas redes sociais.

Por sua vez, lideranças da direita foram às redes questionar o resultado do encontro. O ex-deputado federal Eduardo Bolsonaro fez uma série de postagens minimizando o encontro. "A linguagem corporal não diz nada de contente ou entusiasmo. Se houvesse alguma vitória para Lula, ele seria o primeiro a falar ou vazar. Se esta reunião tivesse ocorrido no Brasil, ela teria 100 anos de sigilo!", escreveu Eduardo, junto com um vídeo que mostra o petista pensativo após o encontro na Casa Branca.

» Grupo de trabalho

Na prática, Lula e a comitiva brasileira apresentaram o posicionamento sobre uma série de tópicos da relação bilateral, principalmente para a negociação das tarifas. O resultado mais concreto foi a criação de um grupo de trabalho para discutir a balança comercial, que dará um parecer em 30 dias. A proposta foi feita pelo próprio Lula, no encontro. O objetivo principal do governo brasileiro é encerrar as investigações da Seção 301 da Lei de Comércio americana que miram o Pix e podem levar a novas tarifas contra produtos brasileiros. O inquérito está previsto para acabar em junho.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br

O conto noir, o detetive durão, os negócios da política e o caso Master

"Pelas ruas vis deve passar um homem que não seja ele próprio vil, que não esteja maculado nem tenha medo. O detetive, nessa espécie de história, deve ser esse homem. Ele é o herói; ele é tudo. Deve ser um homem completo, um homem comum e, contudo, um homem incomum. Deve ser, para usar uma frase já bastante gasta, um homem de honra — por instinto, inevitavelmente, sem pensar nisso, e certamente sem dizê-lo. Deve ser o melhor homem de seu mundo e suficientemente bom para qualquer mundo."

Essa passagem do ensaio literário *A simples arte de matar* ("The Simple Art of Murder"), de Raymond Chandler (LPM), é a melhor definição do herói noir dos romances policiais norte-americanos. O homem solitário, moralmente íntegro, mas mergulhado num mundo corrompido, no qual a fronteira entre crime e legalidade se tornou nebulosa. O herói atravessa uma sociedade decadente sem ilusões sobre justiça ou pureza.

Essa é a ética noir. O herói não é um vencedor clássico nem um justiceiro absoluto. Ele vive cercado por corrupção, violência, políticos venais, policiais vendidos e milionários decadentes, mas preserva um código moral próprio. Sua integridade nasce da escolha pessoal e não das instituições. Sabe que não salvará o mundo. Sua função é apenas resistir à degradação sem se tornar parte dela.

O ensaio de Chandler foi um manifesto literário e moral e, ao mesmo tempo, a defesa do romance noir norte-americano como forma moderna de representação da sociedade urbana, corrupta e violenta do século 20. Expulsos de Hollywood pelo macartismo, seus criadores transformaram o romance policial em literatura de crítica social.

Chandler considerava os enigmas dos autores policiais clássicos distantes da experiência real da violência. "O assassinato, que na realidade é uma tragédia, tornou-se uma espécie de jogo de salão". O crime não é um quebra-cabeça abstrato. Em sua visão, a literatura policial precisava reencontrar o mundo concreto: ruas sujas, corrupção policial, chantagem, medo, desigualdade e decadência moral.

> O AVANÇO DAS APURAÇÕES DO CASO MASTER PRODUZIRÁ REAÇÕES POLÍTICAS CADA VEZ MAIS INTENSAS. CIRO NOGUEIRA NÃO É UM PARLAMENTAR PERIFÉRICO. É UM DOS LÍDERES MAIS INFLUENTES DO CENTRÃO

O assassinato não podia ser apenas um truque lógico; deveria revelar a própria estrutura da sociedade moderna. Em vez de lordes envenenados em mansões, surgem gângsteres, políticos corruptos, policiais vendidos, empresários inescrupulosos e mulheres fatais. O crime deixa de ser exceção e passa a integrar o funcionamento cotidiano da ordem social. Vira uma patologia, na definição clássica do antropólogo e sociólogo Émile Durkheim.

O detetive não é um herói triunfante, mas a consciência moral solitária num universo decadente. A literatura noir fez a crítica cultural da sociedade americana do pós-guerra. A expansão do capitalismo urbano, a corrupção institucional e a mercantilização das relações humanas criaram um ambiente em que a violência foi banalizada.

O novo patamar

As histórias ocorrem nas zonas cinzentas entre legalidade e crime, porque as instituições formais já não são plenamente confiáveis. Chandler mostra que o verdadeiro mistério não está apenas em descobrir quem matou, mas em compreender por que uma sociedade produz continuamente violência, cinismo e corrupção. Seu ensaio permanece como uma das reflexões mais sofisticadas já escritas sobre crime, literatura e modernidade.

Com todos os seus ingredientes, o caso Master dispensa a ficção. Banqueiros, executivos, políticos, magistrados, o cadáver de um suicida numa cela da PF. Uma história na qual a corrupção, mais do que naturalizada, é institucionalizada. A nova ação da Polícia Federal, o que há de mais competente e íntegro no sistema de segurança pública do país, foi autorizada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) André Mendonça. Seu foco são nas relações entre o senador Ciro Nogueira (PP-PI) e o banqueiro Daniel Vorcaro, o dono do Banco Master, o que elevou as investigações a um novo patamar.

Ao alcançar Nogueira, um dos principais articuladores do Centrão e figura estratégica da oposição ao governo Lula, a Polícia Federal ingressa numa zona sensível, na qual qualquer passo em falso pode comprometer não apenas o destino do inquérito, mas também a credibilidade das instituições encarregadas de conduzi-lo. A proximidade entre Ciro Nogueira e o banqueiro Daniel Vorcaro já era conhecida nos bastidores de Brasília. Há outros políticos e magistrados no vasto círculo de amizade e, digamos, relações institucionais do banqueiro.

Pagamentos mensais, aquisição de participação societária com deságio expressivo, custeio de viagens internacionais e suposta elaboração de emenda constitucional pelo próprio banco são indícios de atividades criminosas, mas quem acompanha os bastidores da política sabe que esse modus operandi da "política como negócios" predomina no Congresso e contaminou o Judiciário. O que espanta mais é a escala.

Quem quiser que atire a primeira pedra. O avanço das apurações produzirá reações políticas cada vez mais intensas. Ciro Nogueira não é um parlamentar periférico. Trata-se de um dos líderes mais influentes do Senado, ex-ministro da Casa Civil do governo Bolsonaro, presidente nacional do PP e peça-chave na articulação do conservadorismo brasileiro. Qualquer movimento contra ele terá repercussões no Congresso, nas alianças eleitorais de 2026 e nas relações entre a PF e o Supremo Tribunal Federal (STF). Circunscrever o caso ao escândalo financeiro é a receita pronta para o inquérito virar uma pizza napolitana. Restará à literatura policial um dia recontar essa história ao estilo noir.